

Brasília: um *tour* guiado por memórias da capital

Ivany Câmara Neiva*

Resumo

O artigo trata da condição de Brasília como destino turístico e propõe que sua característica peculiar de capital cinquentenária seja interpretada como possível atrativo. Argumenta-se, para tanto, que as memórias da capital constituem patrimônio cultural potencialmente atrativo em termos de turismo. Toma-se por base, para a avaliação da atividade turística na região, o Anuário do DF lançado em junho de 2010. Considera-se a memória como eixo para a proposta de um *tour* alternativo por Brasília. Para isso, recuperam-se informações referentes a dois momentos da trajetória histórica da cidade: escolha do local da futura capital (1947, 1948), e início da construção (1956-1960). Essas informações são buscadas em registros pessoais desses períodos: cartas e Relatório Técnico de participantes da Comissão de Estudos para Localização da Nova Capital do Brasil (Comissão Polli Coelho), e cartas escritas por trabalhadores ao Presidente Juscelino Kubitschek. Discutem-se questões éticas referentes à utilização dessas fontes, e dialoga-se com autores voltados ao estudo do turismo, especialmente quanto a nichos turísticos como esse guiado pela memória histórica.

Palavras-chave:

Brasília. Turismo. Patrimônio cultural. Memória. Cartas.

1. Brasil, capital Brasília¹: o cinquentenário como atrativo

Em 2010, completam-se cinquenta anos da transferência do Distrito Federal para o interior do Brasil, com a inauguração de Brasília.

A interiorização é recente, mas as idéias mudancistas datam de quase trezentos anos². Considero oportuno lembrar alguns marcos dessa trajetória, que se articulam com a proposta de um *tour* guiado por memórias da capital.

É importante destacar que a interiorização foi uma proposta polêmica, que envolveu interesses conflitantes. Já no século XIX, o engenheiro e diplomata Francisco Adolfo Varnhagen – o Visconde de Porto Seguro - publicou, em Viena, o livretinho “A

* Socióloga, historiadora. Centro de Excelência em Turismo / CET, Universidade de Brasília / UnB. Núcleo Turismo e Sustentabilidade. E-mail: neiva3@terra.com.br.

¹ Lembrando ORICO, Osvaldo. **Brasil, capital Brasília**. Brasília: Novacap, 1958.

² Ver NEIVA, I.C. **Turismo Sertanejo no Brasil Central**: caminhos de memória da Capital. V Simpósio de Turismo Sertanejo. Monteiro / PB, 10 a 13 de junho de 2010.

Questão da Capital: marítima ou no interior?”, em que reúne suas preocupações e sugestões, contrapondo argumentos pró e contra a transferência da capital.

Na primeira Constituição republicana, de 1891, o Artigo 3^o estabelece: “Fica pertencente à União, no Planalto Central da República, uma zona de 14.400 km², que será oportunamente demarcada, para nela estabelecer-se a futura capital federal”.

Datam dessa época (respectivamente em 1892 e 1894) as duas missões de exploração e de estudos do Planalto Central, ambas chefiadas pelo astrônomo Luiz Cruls. Os resultados dos levantamentos feitos foram consolidados no conhecido “Relatório Cruls”, referente aos estudos da Comissão Exploradora do Planalto Central (1894) e no Relatório Parcial da Comissão de Estudos da Nova Capital da União (1896). Como resultado dessas explorações, foi demarcado o polígono conhecido como Quadrilátero Cruls, que veio a abrigar a capital.

Passou-se mais de meio século para que o tema da mudança da capital voltasse a ser tratado oficialmente, em termos de providências efetivas: na Constituição Federal de 1946 está definido, no artigo 4^o de suas Disposições Transitórias, que “A capital da União será transferida para o planalto central do país”.

No mesmo ano, foi criada a Comissão de Estudos para Localização da Nova Capital do Brasil - conhecida como Comissão Polli Coelho, por ser presidida pelo General Djalma Polli Coelho, então Diretor do Serviço Geográfico do Exército. Os estudos se desenvolveram durante 1947 e 1948, no Planalto Central e no Triângulo Mineiro. Em agosto de 1948, o Relatório Geral foi encaminhado ao Presidente Dutra.

Os estudos foram retomados em 1953, pela Comissão de Localização da Nova Capital Federal, designada por Getúlio Vargas. Em 1955, foi definido o *sítio* onde deveria ser construída Brasília.

No ano seguinte, já no governo de Juscelino Kubitschek, começaram as obras de construção da capital, inaugurada em 1960, numa área de 472,12 km² dos 5.789,16 km² do novo Distrito Federal. É dessa inauguração que se estão comemorando 50 anos.

O cinquentenário vem sendo comemorado de diferentes maneiras, desde a organização de eventos oficiais, como o Brasília Outros 50³ e as quase 400 atividades

³ Ver “Brasília Outros Cinquenta”. Disponível em <http://brasiliaoutros50.blogspot.com/>. Acesso em 05.07.2010.

aprovadas para o Calendário das Festividades de Comemoração dos 50 anos de Brasília⁴, até iniciativas como a Comissão “UnB 50 Anos de Brasília”⁵, e manifestações “independentes” como o Moviola⁶ e o Movimento Cinquentão⁷.

Na esteira das comemorações, vêm sendo realizados diversos Encontros e Simpósios, bem como têm sido produzidos textos, exposições, mostras e obras de arte. Nesse contexto, o Turismo também é assunto. Nesse sentido, realizou-se, em junho, o Fórum “Brasília: o turismo e o desenvolvimento”, quando foi lançada a publicação “Anuário do DF 2010”, realizado com apoio do Ministério do Turismo. Em seu subtítulo é revelado o objetivo de se constituir em “ferramenta de fomento ao turismo e ao desenvolvimento do Distrito Federal” e, no Editorial, consta que uma das propostas do Anuário é “revelar um potencial econômico e turístico que, por muitos anos, se manteve velado”⁸.

A cobertura do Fórum e do lançamento do Anuário, pela imprensa, destacou essa fragilidade da região em termos de atrativos turísticos. A manchete da reportagem do Correio Braziliense fala em “turismo em segundo plano”:

O Anuário 2010, lançado ontem, mostra que o setor está renegado a um patamar inferior quando comparado aos outros segmentos da economia local. Empresários e instituições cobram do governo políticas públicas para atrair os visitantes para a capital federal.⁹

Repetem-se, nos comentários veiculados pela mídia e no texto do Anuário, observações e impressões recorrentes quanto ao turismo em Brasília. Com base em dados do Ministério do Turismo, o documento informa que “Brasília recebe apenas 1,7% do total de turistas brasileiros que conhecem o Brasil [...] – muito aquém do seu potencial turístico”¹⁰. Essa observação é reforçada quando são avaliados os

⁴ Disponível em <http://www.venhaparabrasilia.com.br/blog/comite-divulga-projetos-para-os-50-anos-de-brasil>. Acesso em 05.07.2010.

⁵ UnB 50 anos de Brasília. Disponível em <http://unb50bsb.wordpress.com/sobre/>. Acesso em 05.07.2010.

⁶ Na “virada” do dia 20 para o 21 de abril, foi realizada uma edição especial do Moviola em comemoração ao Cinquentenário. Ver “Moviola”. Disponível em http://moviolabsb.blogspot.com/2010_04_01_archive.html. Acesso em 05.07.2010.

⁷ Refere-se ao novo prédio construído para a Câmara Legislativa do DF, e para o qual o Movimento Cinquentão estava buscando “finalidades alternativas”.

⁸ **Anuário do DF 2010**: uma ferramenta de fomento ao turismo do Distrito Federal / Mark Consultoria. Ano I, n.1, maio 2010. Brasília, 2010. p.8.

⁹ AMORIM, D. **Turismo em segundo plano**. Brasília, Correio Braziliense. 11.07.2010. p.45.

¹⁰ **Anuário do DF 2010**. Op. cit., p.30.

investimentos no setor, e se verifica que “Brasília não é um dos destinos mais procurados pelos turistas”¹¹.

Quando o assunto é “atrativos turísticos”, ali são listados aqueles “cartões-postais” comumente citados, de Brasília (como o Palácio da Alvorada, a Catedral, a Torre de TV), sendo que alguns deles se localizam, geográfica e administrativamente, fora dos limites da capital (como o Catetinho e o Poço Azul) e até mesmo do Distrito Federal (como a Estação Ecológica de Águas Emendadas, e cidades goianas como Pirenópolis e Caldas Novas). Mas não me parece que seja o caso de retomar, aqui, as discussões sobre o que é Brasília, o que é DF, ou como os moradores se identificam em termos de pertencimento à capital¹². Para fins de turismo na capital, vamos considerar, aqui, a ampla delimitação de “a região de Brasília”.

Creio ser oportuno retomar, sim, a questão do que é considerado “atrativo turístico”, em diferentes contextos e no caso peculiar da região de uma cidade recente como Brasília, interiorana e criada com o objetivo específico de ser capital do país. O que faria com Brasília fosse “foco de atenção” do turista? O que faria com que possíveis turistas pretendessem “passar o seu tempo, quando estão fora de casa”¹³, em Brasília?

Certamente, o fato de ser a capital brasileira é um motivo de atração, tanto porque Brasília abriga a sede do poder, como porque dispõe de infraestrutura para a realização de eventos (de negócios ou de outra natureza) e porque entrelaça traços culturais trazidos e transformados pela diversidade brasileira que vem formando sua população. Pensando em termos de segmentação, essa característica de Brasília explica sua associação a “turismo de eventos e negócios” e a “turismo cultural” – este, em uma ampla interpretação, que envolve atrativos culturais não só da cidade, mas da região do Distrito Federal, e, por outro lado e como desdobramento da própria abrangência do conceito de “cultura”, é extensivo a amplos *espaços conceituais* do Turismo.

Com efeito, parece-me precipitado avaliar o “desempenho turístico” de Brasília e de sua região com base essencialmente em parâmetros utilizados para outras cidades

¹¹ **Anuário do DF 2010**. Op. cit., p.32.

¹² Variam as delimitações e interpretações, desde a conformação oficial de Brasília como uma das 30 cidades (ou Regiões Administrativas) do DF, até a associação de Brasília com a totalidade do Distrito Federal. Sobre o assunto, ver especialmente textos de Aldo Paviani e de Adalberto Lassance, registrados nas Referências.

¹³ LOHMANN, Guilherme & PANOSSO NETTO, Alexandre. **Teoria do Turismo** – conceitos, modelos e sistemas. São Paulo: Aleph, 2008. Atração Turística, p.390. Destino Turístico, p.347.

mais consolidadas. Por isso, considero oportuno o alerta, enfatizado durante o Fórum “Brasília: o turismo e o desenvolvimento” ao qual me referi, de que se tracem e sigam, localmente, “políticas públicas para atrair visitantes para a capital federal”¹⁴, e acrescento outro desafio: de reforçar as vozes que defendem experiências sustentáveis de turismo, e não as que “privilegiam o lucro imediato e a grande escala”¹⁵. Lembro Figueiredo Santos, quando afirma que “A relevância do turismo [...] extrapola largamente os circuitos econômico-financeiros: ela adquire um significado bem mais profundo quando é apreendida como prática intercultural”¹⁶.

Em se tratando de Brasília, de Distrito Federal, Brasil Central, Planalto Central e cerrado, é possível recorrer-se aos muitos estudos que vêm se desenvolvendo na área e que, em grande medida, apontam para alternativas de turismo adequadas para as realidades que aqui se constroem.

Nesse sentido, trago para discussão não propostas prontas, para turismo em Brasília, mas elementos que possam subsidiar a formação de produtos turísticos para a região. Aproveitando a oportunidade do cinquentenário da inauguração da cidade, parece-me oportuno discutir esse mote como eixo de iniciativas de turismo. O atrativo seria o próprio cinquentenário, “patrimônio interpretado”¹⁷ por memórias da escolha do local do novo DF e da capital, e dos primeiros anos da construção de Brasília.

Trata-se, assim, de buscar, no patrimônio cultural da região, elementos que viabilizem um turismo peculiar, de pequenos grupos e baixo impacto, fundado nos caminhos da memória e da história. Sua motivação não estaria na visita a monumentos de “pedra e cal”¹⁸, mas na busca de rastros desse patrimônio intangível¹⁹ representado pela memória, pelas histórias antigas, pelas expressões do imaginário de quem aqui viveu e vive hoje.

¹⁴ AMORIM, D. **Turismo em segundo plano**. Op.cit.

¹⁵ ZAOUAL, H. Do turismo de massa ao turismo situado – quais as transições? In: BARTHOLO, R.; SANSOLO, D.G.; BURSZTYN, I. (orgs.). **Turismo de Base Comunitária**. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009. p.57.

¹⁶ SANTOS, Figueiredo. **Turismo – mosaico de sonhos**. Incursões sociológicas pela cultura turística. 2.ed. Lisboa: Edições Colibri, 2007. p.13.

¹⁷ MURTA, S.M. & ALBANO, C. (orgs.). **Interpretar o Patrimônio**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. *passim*.

¹⁸ FONSECA, M.C.Londres. Para além da *pedra e cal*. In: MIRANDA, D.S.. **Memória e cultura**. São Paulo: Edições SESC SP, 2007. p.66.

¹⁹ SANT’ANNA, M. A face imaterial do patrimônio cultural: os novos instrumentos de reconhecimento e valorização. In: MIRANDA, D.S. Op.cit. p.49.

2. Memórias da capital: indicações para um possível *tour*

Vários caminhos poderiam ser seguidos para este trabalho de indicação de elementos para um “produto turístico” formatado a partir de memórias do cinquentenário da capital. Optei por buscar referências de dois momentos da história recente²⁰ de Brasília: estudos para a mudança da capital e início da construção.

Em ambos os casos, houve atenção quanto às fontes utilizadas e à ética de tratamento das informações²¹.

Quanto ao primeiro momento, foram buscados registros contidos em cartas escritas por Guiomar de Arruda Câmara, e no Relatório Técnico de Antônio de Arruda Câmara, ambos pesquisadores da Comissão Polli Coelho. Os dois participaram de viagens, para desenvolver estudos agrônômicos em Goiás, nos anos de 1947 e 1948. Esse material faz parte de meu acervo pessoal²², e sua utilização em pesquisas futuras chegou a ser discutido com eles mesmos, em vida.

Quanto ao segundo momento, a fonte escolhida foram cartas escritas por brasileiros *comuns*²³ para o Presidente Juscelino Kubitschek (e para seus familiares ou sua equipe de trabalho) no período do governo JK, quando foi iniciada a construção de Brasília (1956 a 1961). Essa correspondência compõe o Fundo Novacap do Arquivo Público do Distrito Federal e, tanto por esse motivo (de estar disponibilizada para consulta) como pelo fato de ser dirigida a um Presidente da República, pode ser considerada “pública”. Portanto, a questão legal, de seu uso, está resolvida – não por autorização de quem as escreveu, mas pelo caráter *público* do destinatário. Por serem considerados de *interesse público* e estarem disponíveis em uma instituição de pesquisa, esses documentos podem ser acessados sem que isso se constitua violação de privacidade. Entretanto, mesmo respaldada legalmente, optei por não trazer a público os

²⁰ “Recente”, aqui, refere-se a um período inferior a um século (entre 50 a 60 e poucos anos passados).

²¹ Considero importante registrar esse procedimento não apenas por avaliá-lo como fundamental nas atividades de pesquisa, mas também para relembrar o tema do Seminário da ANPTUR 2010: “Ética - produção e difusão da pesquisa em Turismo”.

²² Acervo familiar. Guiomar e Antônio são meus avós.

²³ “Brasileiros de vários locais do país, sem visibilidade social além de seu círculo mais próximo; construtores *anônimos* da História”. NEIVA, I.C. **Imaginando a capital: cartas para JK (1956-1961)**. Brasília, UnB, 2008. Roteiro de apresentação. Ver as discussões, sobre “a dimensão incomum das pessoas comuns”, desenvolvidas pelo historiador Marcos Silva. SILVA, M.A. e FONSECA, S.G.. **Ensinar História no século XXI: em busca do tempo entendido**. Campinas, SP: Papirus, 2007. p.95.

nomes das pessoas simples que, um dia, escreveram cartas ao Presidente JK – a não ser em casos especiais em que o acaso, ou a pesquisa paciente, me levaram a ter contato pessoal com essas pessoas ou com seus familiares, que então autorizaram a divulgação das cartas e de seus autores²⁴.

a) Estudos para a mudança da capital

Os itinerários percorridos por Antônio de Arruda Câmara e Guiomar de Arruda Câmara nos anos 1947 e 1948, pelo sudeste de Goiás, no âmbito dos estudos da Comissão Polli Coelho, tiveram como ponto de apoio a cidade de Goiânia, também planejada, como Brasília²⁵. Foram construídos e seguidos cerca de cinquenta roteiros, abrangendo mais de setenta localidades, entre cidades e povoados, empreendimentos agrícolas e projetos de colonização, vales, lagoas e cachoeiras.

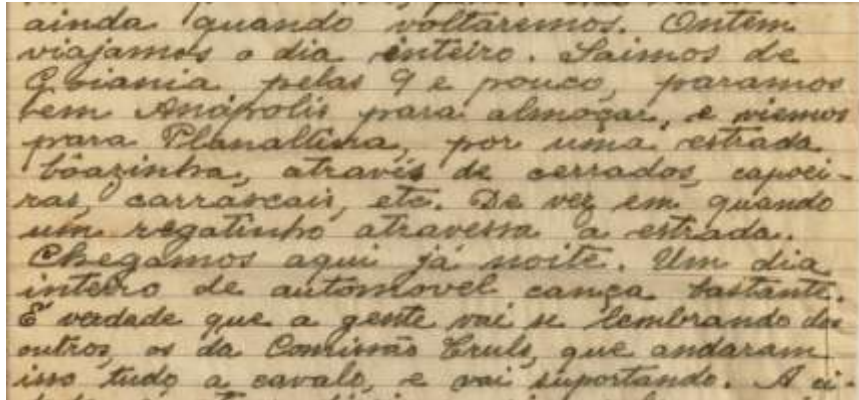
Nesta proposta de indicar elementos para possíveis produtos turísticos, não se cogita caracterizar, como atrativos principais, os prédios, as ruas, os serviços de hotelaria e gastronomia, os objetos da época de passagem da Comissão pelas cidades e vilas, nem mesmo a paisagem natural ou os empreendimentos rurais. Sabemos das discussões e pesquisas que caminham no sentido do entrelaçamento entre características “materiais” e “imateriais” ou “intangíveis”²⁶ do patrimônio, e vale lembrar que essa teia pode ser tornada visível nesses locais por onde passou a Comissão Polli Coelho. Podem-se reconhecer, naqueles itinerários percorridos, rastros fundamentados no patrimônio cultural – no caso, tendo como foco o cinquentenário da capital que então era “futura”.

Busco, a propósito, o trecho de uma carta de Guiomar, escrita em Planaltina no mês de setembro de 1947, na qual relembra os viajantes da Comissão Cruls, que também haviam passado pela região:

²⁴ O assunto é tratado especialmente no capítulo “Desdobrando papéis: questões de ética”, no texto “Imaginando a capital: cartas a JK (1956-1961).

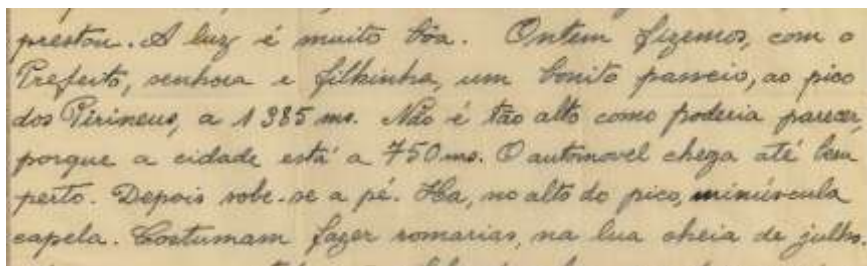
²⁵ Goiânia foi fundada em 1933.

²⁶ FONSECA, M.C.L. Para além da *pedra* e *cal*: por uma concepção ampla de patrimônio cultural. In: ABREU, R. & CHAGAS, M. (orgs). **Memória e Patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009. p.66.



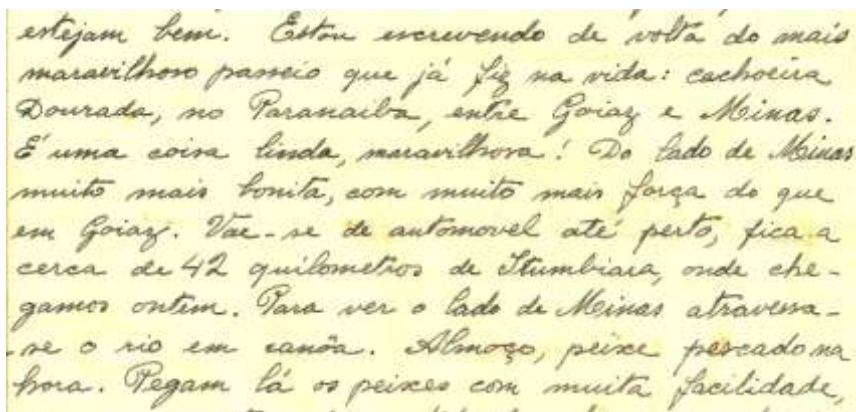
ainda quando voltaríamos. Ontem viajamos o dia inteiro. Saímos de Goiânia pelas 9 e pouco, paramos bem Anápolis para almoçar, e vimos para Planaltina, por uma estrada boazinha, através de cerrados, capoeiras, sarracais, etc. De vez em quando um regatimbo atravessa a estrada. Chegamos aqui já noite. Um dia inteiro de automóvel cansa bastante. É verdade que a gente vai se lembrando dos outros, os da Comissão Brule, que andaram isso tudo a cavalo, e vai suportando. A di-

Antônio e Guiomar estiveram em locais hoje considerados “pontos turísticos” do Brasil Central, como a cidade de Pirenópolis e a Cachoeira Dourada. Em carta de 19 de outubro de 1947, escrita de Pirenópolis, Guiomar faz referências às romarias que já então se realizavam na Serra dos Pirineus, no mês de julho:



prestou. A luz é muito boa. Ontem fizemos, com o Prefeito, senhora e filhinha, um bonito passeio, ao pico dos Pirineus, a 1385 ms. Não é tão alto como poderia parecer, porque a cidade está a 750 ms. O automóvel chega até bem perto. Depois sobe-se a pé. Há, no alto do pico, minúscula capela. Costumam fazer romarias, na lua cheia de julho.

Também em outubro, escreve de Itumbiara, contando a viagem que fizeram à Cachoeira Dourada, que àquela época ainda não tinha *status* de município mineiro:



estijam bem. Estou escrevendo de 'volta' do mais maravilhoso passeio que já fiz na vida: cachoeira Dourada, no Paranaíba, entre Goiás e Minas. É uma coisa linda, maravilhosa! Do lado de Minas muito mais bonita, com muito mais força do que em Goiás. Vai-se de automóvel até perto, fica a cerca de 42 quilômetros de Itumbiara, onde chegamos ontem. Para ver o lado de Minas atravessamos o rio em canoa. Almoço, peixe pescado na hora. Pegam lá os peixes com muita facilidade,

Além dessas localidades, que hoje têm visibilidade e se caracterizam como atrativos turísticos, Guiomar e Antônio estiveram em lugares que, hoje, poderiam despertar interesse de pessoas que buscassem memórias dessas pesquisas do sítio da “nova capital”, e não destinos convencionais nem infraestrutura de serviços turísticos. É o caso dos itinerários de estudos feitos no Sudeste de Goiás, que guardam marcas intangíveis da história brasileira. Por enquanto, a título de curiosidade, cito os locais percorridos pela Subcomissão de Estudos Agronômicos:

Goiânia, Trindade, Santa Bárbara, Anápolis, Planaltina, Alto Maranhão, Lagoa Mestre d’Armas (Lagoa Bonita, na atual Estação Ecológica de Águas Emendadas), Formosa, Alto Paraná, Alto Urucuaia, Alto Rio Preto, Lagoa Feia, Luziânia, Vale do Rio São Bartolomeu, Vales dos Rios Mesquita, Saia Velha e Vermelho, Vianópolis, Silvânia, Suçupara (em Silvânia), Piracanjuba, Caldas Novas, Lagoa Pirapetinga, Serra, Marzagão, Água Limpa, Buriti Alegre, Itumbiara, Cachoeira Dourada, Goiatuba, Morrinhos, Inhumas, Itaberaí, Jaraguá, Colônia Agrícola Nacional de Goiás (Ceres), Uruana, Goialina (Petrolina de Goiás), Souzaânia, Subestação Experimental, Vale do Rio das Antas, Corumbá de Goiás, Abadiânia, Vale do Rio Capivari, Alto Rio Verde, Vales dos Rios Areia e Descoberto, Pirenópolis, Pireneus, Lagolândia, Vales dos Rios dos Peixes e dos Patos, Matas do Algodão (em Goianira), Nerópolis, São Geraldo (Goianira), Leopoldo Bulhões, Goianópolis, Goianás (Nova Veneza), Brazabantes, Itauçu, Guapó, Mataúna (Palmeiras de Goiás), Nazário, Aureliópolis, Cristianópolis, Corumbalina (Santa Cruz de Goiás), Pires do Rio, Orizona, Urutaí, Cavalheiro, Rudá (Campo Alegre), Ipameri, Veríssimo.

b) Início da construção de Brasília

Desde seu projeto, Brasília teve como “marca” e destaque na mídia nacional e internacional a proposta de ser construída “para o homem, e isto em função de [quatro escalas]: a escala gregária, a monumental, a cotidiana e a bucólica”²⁷, e o feito “modernista” de sua arquitetura e de seu urbanismo.

Essas características continuam a ser apresentadas, ao país e ao mundo, no discurso, na visibilidade e na publicidade de “cartões-postais” da cidade. Vale lembrar

²⁷ COSTA, Lúcio. Monumentalidade é gente. In: **Sobre Arquitetura**. Porto Alegre: Centro dos Estudantes Universitários de Arquitetura, 1962. p.306; COSTA, Lúcio. Carta ao Senador Catete Pinheiro. In: **1º Seminário de Estudos dos Problemas Urbanos de Brasília**. Brasília: Senado Federal, 1974. p.292.

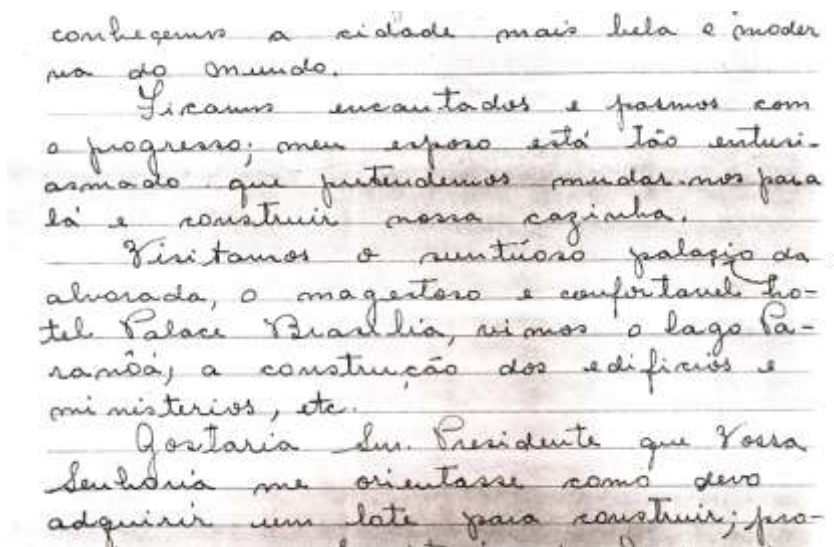
que, em 1987, apenas 27 anos após sua inauguração, a área urbana de Brasília foi reconhecida, pela Unesco, como Patrimônio Cultural da Humanidade²⁸.

Certamente, esse reconhecimento internacional pode ter desdobramentos em termos de atrativo turístico. Não se tem dúvida, também, que os “cartões-postais” da cidade devem continuar exercendo esse papel, marcado desde o início da construção.

A propósito, busco, aqui, uma carta escrita em maio de 1959 para o Presidente JK por Argemiro, pernambucano de “serviço braçal” no Agreste, que pretende mudar-se para a “nova capital do Brasil que está projetando no centro do Brasil”, e faz referência ao recém criado Lago Paranoá – que ele nem conhecia:

Brazilia é orgulho dos brasileiros [...]. Vou *empregar* lá pra levar minha mulher e meus filhos depois. [...] Se eu *empregar* lá este ano, *talvez* quando a família chegar Brasília já tenha inaugurado e lá vai ter casa pra eles além do bonito lago que tem na cidade.

Em janeiro de 1960, uma moradora de Bauru comenta a admiração causada pelas obras, e sua pretensão de fixar-se na cidade, com a família:

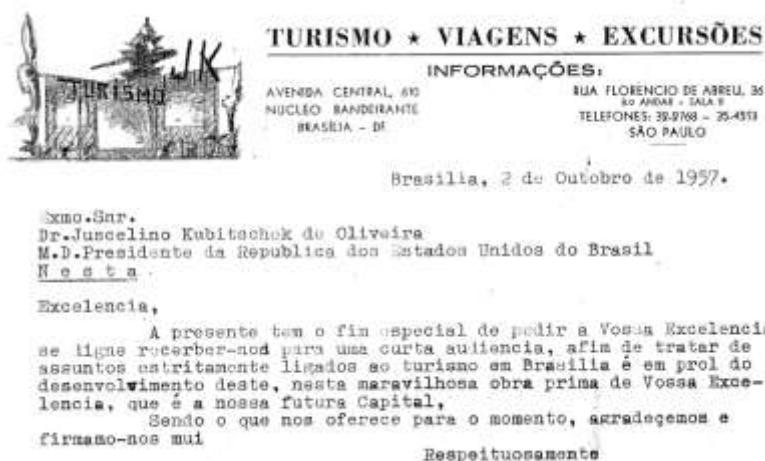


conhecemos a cidade mais bela e imoder-
na do mundo.
Ficamos encantados e fomos com
o progresso; meu esposo está tão entusi-
asmado que pretendemos mudar-nos para
lá e construir nossa casinha.
Visitamos o sumptuoso palácio da
alvarada, o magentoso e confortável ho-
tel Palace Brasília, vimos o lago Pa-
ranoá; a construção dos edifícios e
ministérios, etc.
Gostaria Sr. Presidente que Vossa
Senhoria me orientasse como devo
adquirir um lote para construir; pro-

²⁸ Questões referentes às “agressões à cidade” vêm sendo discutidas ao longo dos anos, e são objeto de avaliação do Comitê do Patrimônio Mundial da Unesco, na reunião anual que, em 2010, se realiza em Brasília.

VII Seminário da Associação Brasileira de Pesquisa e Pós-Graduação em Turismo
20 e 21 de setembro de 2010 – Universidade Anhembi Morumbi – UAM/ São Paulo/SP

Empreendimentos turísticos também vislumbram possibilidades na capital, como é o caso dessa empresa paulista, já com filial instalada no Núcleo Bandeirante, no futuro DF, mas que em seu novo endereço já o considera consolidado, em 1957:



No entanto, a escuta das histórias contadas por participantes da construção da capital – sua “memória viva”- me faz pensar em atrativos alternativos a esses mais conhecidos. Vale lembrar que, em 1959, no primeiro Censo Experimental de Brasília, é registrada uma população total de 64.314 pessoas, das quais quase 80% residiam em acampamentos, núcleos provisórios e povoados.

População residente no Distrito Federal – 1959

localidades	população residente
Brasília	64.314
Acampamentos	
Central da Novacap	1.318
Candangolândia	2.868
Praça dos Três Poderes	7.064
Plano Piloto – Zona Sul	11.007
Outros	5.763
Núcleos provisórios	
Bandeirante	11.565
Bananal	6.196
Núcleos estáveis	
Cidade de Planaltina	2.245
Povoado de Taguatinga	3.677
Povoado de Braslândia	355
Zona rural	12.256

Fonte: Comissão Censitária Nacional. Censo Experimental de Brasília. 1959. Tabela I.

Nas cartas cinquentenárias, há referências expressivas a locais pioneiros.

É o caso da correspondência – essa, oficial - dirigida ao Chefe da Divisão de Obras da Novacap pelo Engenheiro Chefe de Taguatinga, em 1958, ano da “oficialização” do “povoado” ou “vila” como componente do DF em formação:

Taquatinga, 5 de julho de 1958

Exmo. Sr.
Dr. Moacyr Gomes
D.D. Chefe do D.V.O.
Novacap

PROTOCOLO
12.º 6903
EM -7 JUL 58
D.V.O.
6903 7 1157 38
Notar: / /

Estando locada a estrada que vai ligar a Rodovia Brasília/Anápolis à Vila Taquatinga, solicito a fim de providências seja a mesma providenciada, na largura que V. Excia. julgar conveniente.

Solicito também, sendo possível, providências no sentido de ser iniciado o encasquilhamento da mesma estrada.

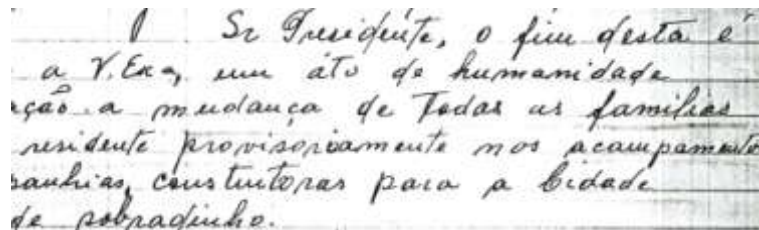
Antecipando agradecimentos, pela atenção dispensada ao assunto, subscrevo-me, muito

Também a carta de um trabalhador, dirigida em outubro de 1959 para o “chefe de Relações Públicas” da Novacap, é testemunho de movimentos populares pioneiros no DF. No documento, é relatado que em breve os barracos da “invasão” seriam derrubados. São solicitadas providências e o trabalhador explica que veio para Brasília “com o intuito de contribuir e colaborar, e não destruir a ordem e o progresso”:

Chegando em Brasília a 7 de setembro do corrente, adquiri um núcleo Bandurante um barraco o. 2º Nr. 230 que dos for est. 25.000, o que logo após a compra foi confirmado pela Prefeitura Local, que o mesmo achava-se em local de invasão, e que iria ser desmontado nos princípios de Novembro; E não estando em um condição de gastos imprevistos, venho solicitar ao nobre patricio, e amigo certo das horas incertas, interceder por mim e que for possível, ajine de que as autoridades competentes designem um local onde possa eu transferir o barraco (mesmo provisório) até que possa eu arranjar local efetivo. Pois, para aqui vim do Rio de Janeiro, com o intuito de contribuir e colaborar, e não destruir a ordem e o progresso. Graças ao vosso

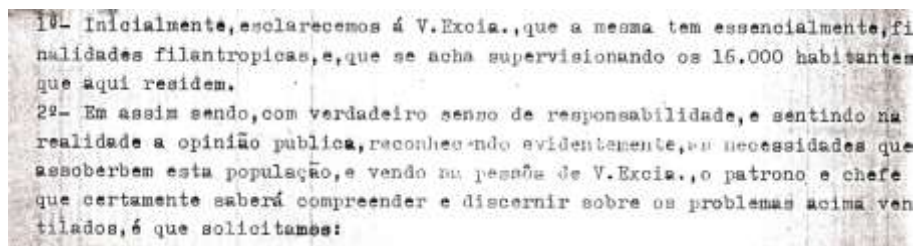
Nessas “marcas do tempo” e rastros de caminhos da capital, encontro depoimentos de moradores de locais que, atualmente, nem estão mais visíveis. É o caso

da pioneira Vila Amaury, que foi submersa em 1959, quando se fecharam as comportas da Barragem do Paranoá, para a formação do Lago. A correspondência do presidente da Associação Pró Melhoramentos da Vila Amaury encaminhada a JK em março daquele ano se refere à situação dos trabalhadores que residiam em acampamentos “no fundo do futuro lago”:



Se Presidente, o fim desta é a V. Exa., um ato de humanidade e a mudança de todas as famílias residente provisoriamente nos acampamentos saubias, construtoras para a cidade de Sobradinho.

O assunto é retomado várias vezes, como em dezembro daquele ano, em correspondência ao Vice Presidente da República, Jango, quando lhe é solicitado que interceda em apoio aos moradores a serem deslocados:



10- Inicialmente, esclarecemos á V. Excia., que a mesma tem essencialmente, finalidades filantropicas, e, que se acha supervisionando os 16.000 habitantes que aqui residem.
2º- Em assim sendo, com verdadeiro senso de responsabilidade, e sentindo na realidade a opinião publica, reconhecendo evidentemente, as necessidades que asoberbam esta população, e vendo na pessoa de V. Excia., o patrono e chefe que certamente saberá compreender e discernir sobre os problemas acima ventilados, é que solicitamos:

A referência dos atuais moradores da Vila Planalto, de Sobradinho ou de outros locais para onde foram deslocados aqueles trabalhadores, oscilam entre memórias contadas e histórias de uma “cidade encantada” que existe no fundo do Lago...

Esse é um dos motivos para imaginar ser possível traçar roteiros “turísticos”, pelos caminhos indicados por essas marcas de tempo, na região de Brasília. O mote talvez não seja o passeio por lugares definidos pela geografia oficial, e sim os “lugares de memória”²⁹ das histórias da capital.

²⁹ MENEZES, Ulpiano de Meneses. Os paradoxos da memória. In: MIRANDA, D.S.. **Memória e cultura**. São Paulo: Edições SESC SP, 2007. p.31.

3. O cinquentenário de Brasília como mote para um nicho de turismo

A leitura turística da região de Brasília já vem acontecendo, seja por quem mora perto e por quem, de mais distante, vai buscar seus caminhos interioranos. O assunto se torna ação em viagens com destinos urbanos, rurais, ecológicos – ou, sem rótulos ou segmentações, no *turismo do Brasil Central*. Acontece, também, em estudos e projetos.

Certamente, a concretização das idéias mudancistas, culminando com a construção de Brasília, tornou a região mais “visível” para o país, e foi essencial para que se descortinassem seus atrativos. Aos poucos se revelam – e são construídos – roteiros turísticos “guiados” pela existência da capital “modernista” no Brasil Central.

Neste momento emblemático do cinquentenário de Brasília, parece-me oportuno propor roteiros que tenham, como foco, a memória da capital - memórias de explorações realizadas por estes sertões há mais de cinquenta anos, em busca do sítio onde iria se localizar a nova cidade, e memórias dos tempos iniciais de sua construção. A propósito, lembramos a “disseminação do saber” a que Lohmann e Panosso Netto se referem, quando tratam do valor que o patrimônio cultural assume para o turismo³⁰.

Lembramos, ainda, o paradoxo “passado ou presente?” tratado por Ulpiano Menezes³¹, quando situa o tempo da memória no presente, embora ela necessite do passado. Neste presente, propomos trazer o passado de itinerários pelo Brasil Central, em roteiros de um turismo que se sustenta nas histórias dos lugares, trazidas pela memória de viajantes, trabalhadores e moradores.

Alguns desses lugares talvez nem tenham marcas materiais daquele tempo, que em si mesmas pudessem justificar a inclusão do local em roteiros turísticos. No entanto, essas possíveis marcas passariam a ter significado na medida em que fossem contextualizadas, “interpretadas – [...], “acrescentando valor à experiência do visitante, por meio do fornecimento de informações e representações que realcem a história e as características culturais e ambientais de um lugar”³².

³⁰ LOHMANN, Guilherme & PANOSSO NETTO, Alexandre. Patrimônio cultural. In: **Teoria do Turismo** – conceitos, modelos e sistemas. São Paulo: Aleph, 2008. p.435.

³¹ MENEZES, Ulpiano B. Os paradoxos da memória. In: MIRANDA, Danilo Santos de. **Memória e cultura**: a importância da memória na formação cultural humana. São Paulo: Edições SESC SP, 2007.

³² MURTA, S.M. e GOODNEY, B. Interpretação do patrimônio para visitantes: um quadro conceitual. In: MURTA, S.M. e ALBANO, C. (orgs.). **Interpretar o Patrimônio** – um exercício do olhar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005. p.13.

Referências

- Anuário do DF 2010: uma ferramenta de fomento ao turismo e ao desenvolvimento do Distrito Federal / Mark Consultoria. Ano I, n.1, maio, 2010. Brasília, 2010.
- ARRUDA CÂMARA, Antônio. **Investigações Agronômicas**. Regiões do Estado de Goiás. Rio de Janeiro: Comissão de Estudos para Localização da Nova Capital do Brasil, 1948.
- ABREU, Regina & CHAGAS, Mário. (orgs). **Memória e Patrimônio**: ensaios contemporâneos. 2.ed. Rio de Janeiro: Lamparina, 2009.
- AMORIM, Diego. **Turismo em segundo plano**. Brasília, Correio Braziliense. 11.07.2010. Cidades. Diagnóstico, p.45.
- BARTHOLO, R.; SANZOLO, D.G.; BURSZTYN, I. (orgs.). **Turismo de Base Comunitária** – diversidade de olhares e experiências brasileiras. Rio de Janeiro: Letra e Imagem, 2009.
- GASTAL, Susana. **Turismo, imagens e imaginários**. São Paulo: Aleph, 2005.
- LASSANCE, Adalberto. **Brasília & Distrito Federal** – imperativos institucionais. Brasília: Verano Editora, IHGDF, 2002.
- LOHMANN, Guilherme & PANOSSO NETTO, Alexandre. **Teoria do Turismo** – conceitos, modelos e sistemas. São Paulo: Aleph, 2008.
- MADER, Helena. **Olhos voltados para a nossa capital**. Brasília, Correio Braziliense. 18.07.2010. Cidades. A Brasília de Lúcio Costa. Tombamento. p.29.
- MENEZES, Ulpiano de Meneses. Os paradoxos da memória. In: MIRANDA, Danilo Santos de. **Memória e cultura**: a importância da memória na formação cultural humana. São Paulo: Edições SESC SP, 2007.
- MURTA, Stela Maris & ALBANO, Celina (orgs.). **Interpretar o Patrimônio** – um exercício do olhar. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- NEIVA, Ivany Câmara. **Imaginando a capital**: cartas a JK (1956-1961). Tese de Doutorado em História Cultural. Universidade de Brasília. Brasília, 2008.
- _____. **Turismo Sertanejo no Brasil Central**: caminhos de memória da Capital. V Simpósio de Turismo Sertanejo. Monteiro / PB, 10 a 13 de junho de 2010.
- PAVIANI, Aldo. **A Brasília de todos os brasileiros**. Brasília, Correio Braziliense. 04.05.2001 p.5.
- _____, (org.). **Urbanização e Metropolização**. Brasília: Editora Universidade de Brasília, Codeplan, 1987.
- SANTOS, Figueiredo. **Turismo** – mosaico de sonhos. Incursões sociológicas pela cultura turística. 2.ed. Lisboa: Edições Colibri, 2007.
- SILVA, Marcos A. da e FONSECA, Selva G.. **Ensinar História no século XXI**: em busca do tempo entendido. Campinas, SP: Papyrus, 2007.